



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Quais as reais intenções da intervenção no Rio de Janeiro?

André Pomponet - 19 de fevereiro de 2018 | 10h 23

7

Surpreendeu todo mundo o anúncio da intervenção federal no Rio de Janeiro. As primeiras análises indicavam que a medida foi uma manobra para que o governo de Michel Temer (MDB-SP), o mandatário de Tietê, tangenciasse a provável derrota na votação da contrarreforma da Previdência. É que, caso qualquer dos estados esteja sob intervenção, são vedadas mudanças na Constituição, como é o caso da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Previdência.

No mesmo dia o controverso presidente anunciou que poderia suspender a vigência da intervenção para votar a reforma. Isso mesmo: vota-se num dia a intervenção na Câmara dos Deputados e no Senado para, logo adiante, suspendê-la, colocando em votação, também em dois turnos, a nociva reforma da Previdência.

A afirmação soou a casuísmo e ampliou, por um lado, a suspeita – colocada desde o anúncio da medida – que tudo não passa de cortina de fumaça, mera encenação para produzir um fato positivo para o governo; por outro lado, açulou as desconfianças que, além do noticiário positivo, pretende-se conquistar a simpatia do eleitorado. Mas para quem? Para Michel Temer que, discretamente, vai limpando terreno para consolidar uma candidatura que, até aqui, não passa de delírio.

A intervenção é uma medida de força, cobrada pela população acossada pelo crime organizado num Rio de Janeiro que vive em guerra. Potencialmente, pode render dividendos eleitorais. E – o que é mais importante – acontece no reduto eleitoral de dois potenciais aspirantes à presidência da República: Jair Bolsonaro (PSC) e Rodrigo Maia (DEM). Bolsonaro, a propósito, pode ser duplamente atingido: além da intervenção ocorrer no seu Rio de Janeiro, mexe com o tema que é a ponta-de-lança de sua campanha: a segurança pública.

Riscos à democracia

Lá fora, a imprensa estrangeira observou que a medida jamais foi tomada desde a promulgação da Constituição, em 1988; e que se soma ao controverso impeachment de Dilma Rousseff (PT), ampliando as sombras sobre a cambaleante democracia brasileira. Por aqui, o noticiário privilegiou a abordagem que mais interessa o governo: o de ação enérgica voltada para o combate à criminalidade.

As Forças Armadas permaneciam em seus quartéis – apesar das preocupantes declarações de um ou outro militar sobre o protagonismo político dessas instituições – e, agora, vão ocupar o centro da cena no Rio de Janeiro. O interventor, um comandante militar, assumirá a condução integral da Segurança

COLUNISTAS

**César Oliveira**

Intervenção é pior das depois de todas as out

Segóvia: o crepúsculo a alvorecer

**André Pomponet**

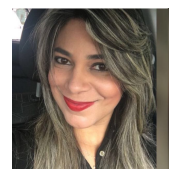
O verão das cigarras

Operação da PF lança i sobre eleições baianas

**Valdomiro Silva**

Do correio ao inad equívocos dos atletas, l

Grandes clubes já não c esmagar os menores, n campeonatos estaduais

**Emanuela Sampaio**

Gabriel Sampaio traz n título para Feira de San

Dr César Oliveira comei mais um ano de vida

Pública no estado. É o vexatório epílogo da era Sérgio Cabral, hoje um badalado presidiário que indicou o canhestro Luiz Fernando Pezão para sucedê-lo.

Especulações sobre a extensão da medida a outros estados começaram a fervilhar. É preocupante: assemelha-se – e muito – à costura de um regime de exceção que, aos poucos, pode se disseminar pelo País. A Bahia, com seus sete mil assassinatos anuais e seu amplo colégio eleitoral controlado pela oposição, figura entre os estados expostos à medida.

Até aqui, a intervenção assemelha-se à tentativa de virar o jogo no noticiário exibindo uma agenda positiva. Mas e se não surgirem resistências à ampliação da medida, que pode alcançar outros estados? A intervenção pode desconfigurar o cenário eleitoral, inclusive favorecendo algum dos lados em disputa. Mudam-se resultados interferindo em estados estratégicos. O Brasil, desde sempre, possui uma sólida cultura autoritária e a tentação de se perpetuar no poder, para quem dispuser da prerrogativa de distribuir intervenções, é imensa.

Por enquanto, isso é cogitação: o futuro confirmará – ou não – essas hipóteses. Mas vale lembrar, sempre, como começou o regime militar em 1964. Uma intervenção breve – uns poucos meses – que se estendeu por 21 anos.

Facções

Por fim, é necessária a referência às facções que se enfrentam pelos morros, periferias e bolsões de pobreza no encantador estado do Rio de Janeiro. O Comando Vermelho (CV) – principal organização criminosa daquele estado – tende a ser sufocado: o acesso a armas e drogas provavelmente será dificultado; ações armadas que, em parte, financiam essas organizações vão diminuir; e as conexões com as facções espalhadas pelo país tendem a se enfraquecer.

Qual vai ser o resultado imediato? O fortalecimento do Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo, que conduz, desde o ano passado, uma guerra contra o rival CV. Esse conflito está nos presídios e nas ruas de estados como Amazonas, Rondônia, Acre, Ceará, Rio Grande do Norte e, mais recentemente, Goiás. É estarrecedor que o governo não emita uma única palavra sobre esse fato óbvio que especialistas na área apontam desde o anúncio da medida.

Já hegemônico em boa parte do País, o PCC tende a ampliar seu poder, caminhando para adquirir o status de máfia estruturada que atua não apenas no Brasil, mas em países vizinhos fornecedores de drogas, como a Colômbia, o Paraguai e a Bolívia. Até em Portugal a facção já planejou assaltar banco.

Mas isso, para o emedebismo no poder, não tem importância: o essencial é lançar a cortina de fumaça apostando na colheita de dividendos políticos nas eleições. Caso estas aconteçam, é bom ressaltar.

AS MAIS LIDAS HOJE

1



Alberto Nery diz que operação contra V armação da Rede Globo e da Polícia Fe

2

STJ marca julgamento de habeas corpus para quinta-feira

3

A vez das Minas: 2ª edição do evento a março

4

Segovia deixa o comando da PF: Rogér assume

5

Homem é preso em flagrante enquanto abusar uma menina de 12 anos



LEIA TAMBÉM

André Pomponet

[O verão das cigarras](#)[Operação da PF lança incerteza sobre eleições baianas](#)[Espetáculo de raios no céu da Feira](#)

[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)